

LETRAS

PERIÓDICO CULTURAL • Nº 16 • ANO II
BELO HORIZONTE, NOVEMBRO DE 2007
TIRAGEM: 1500 EXEMPLARES • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



lugares
imaginários



E DE EDITORIAL

Onde estamos? Para onde vamos?

Tenho por hábito deixar a confecção do editorial do Letras para o fim do processo mensal de edição, mas desta vez faço diferente. A alguns poucos dias do fechamento do jornal, como sempre fico um pouco ansiosa à espera dos artigos dos colaboradores, das informações sobre eventos, dos anúncios, enfim, de tudo que entra neste número.

É um momento estranho, porque depois de um ano e tanto de jornal, já existe um certo "azeitamento da máquina" que torna tudo mais tranqüilo. Ao mesmo tempo, temos hoje uma rede de pessoas direta ou indiretamente envolvidas que não pára de crescer, estrategicamente acionadas a cada edição dentro de seus expertises e de sua disponibilidade para produzir conteúdo; temos também uma sensação de consistência maior a cada número, a responsabilidade de que já falei aqui anteriormente... tudo isso num sistema de boa-vontade de todos os que participam da grande aventura do Letras.

O Letras hoje é uma mistura de profissionalismo voluntário, gentileza e jogo de cintura, que afinal nem tudo corre exatamente da maneira que a gente espera - o que não é de modo algum ruim, pois excelentes surpresas fizeram e fazem parte de alguns de nossos melhores momentos. A gente chegou aonde chegou meio que contrariando a lógica, segurando nossa distribuição gratuita, espalhando o Letras pela cidade e curtindo cada reconhecimento.

A correria dos últimos dias que está por vir (de novo, e de novo...) vale muito a pena por isso. E pra não dizer que não falei de lugares imaginários, termino esse breve monólogo externando o pensamento que me vem à cabeça agora: estou muito, muito feliz com o que o Letras é hoje e onde está. Mas eu quero é mais!

Para onde vamos? Me diga você, caro leitor. Esse jornal é muito mais seu do que meu... Boa leitura!

Carla Marin

E DE EXPEDIENTE

Editoria e Direção Geral:
Carla Marin

Editor de Música:
Rodrigo James

Editora de Literatura:
Ana Elisa Ribeiro

Editor Honorário:
Bruno Golgher

Redação (esta edição):

Alberto Fonseca
Dani Morreale
Edmundo 'X-Man' Silveira
Fred Guimarães
Maria Elisa R. Moreira
Manuel Rolim

Jornalista Responsável:
Vinícius Lacerda

Tiragem: 1500 exemplares
Impressão: Gráfica Fumarc

Anúncios: para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafe.comletras.com.br

Letras é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte/ MG - CEP 30112-010



MANDE UM E-MAIL PARA O LETRAS:
LETRAS@CAFE.COMLETRAS.COM.BR

F DE FRED

Fred Guimarães

Paraíso tropical

Quanto se demanda sobre um lugar imaginário, a primeira coisa que vem à mente, certamente, é um lugar aprazível, aliada à sua felicidade pessoal, que você se sintam bem e quase pleno. A sua terra prometida. O lugar ideal para você, absolutamente do seu jeito. Pensamento egoísta natural.

Eu mesmo, quando me foi repassado o tema imaginei um lugar certo na minha vida, que entendo que seria o MEU Xangri-Lá. Isso reflete que o meu lugar imaginário retrata o meu desejo para satisfazer somente a mim e pronto. Cheguei até escrever sobre isso, mas repassando o texto e naquele momento da minha corrida, na qual quase tudo ou quase nada vem a minha cabeça, resolvi dissertar sobre um outro "tipo" de lugar imaginário, mais completo, numa dimensão maior e menos individualista.

Imaginei várias situações que podem expressar o que eu espe-

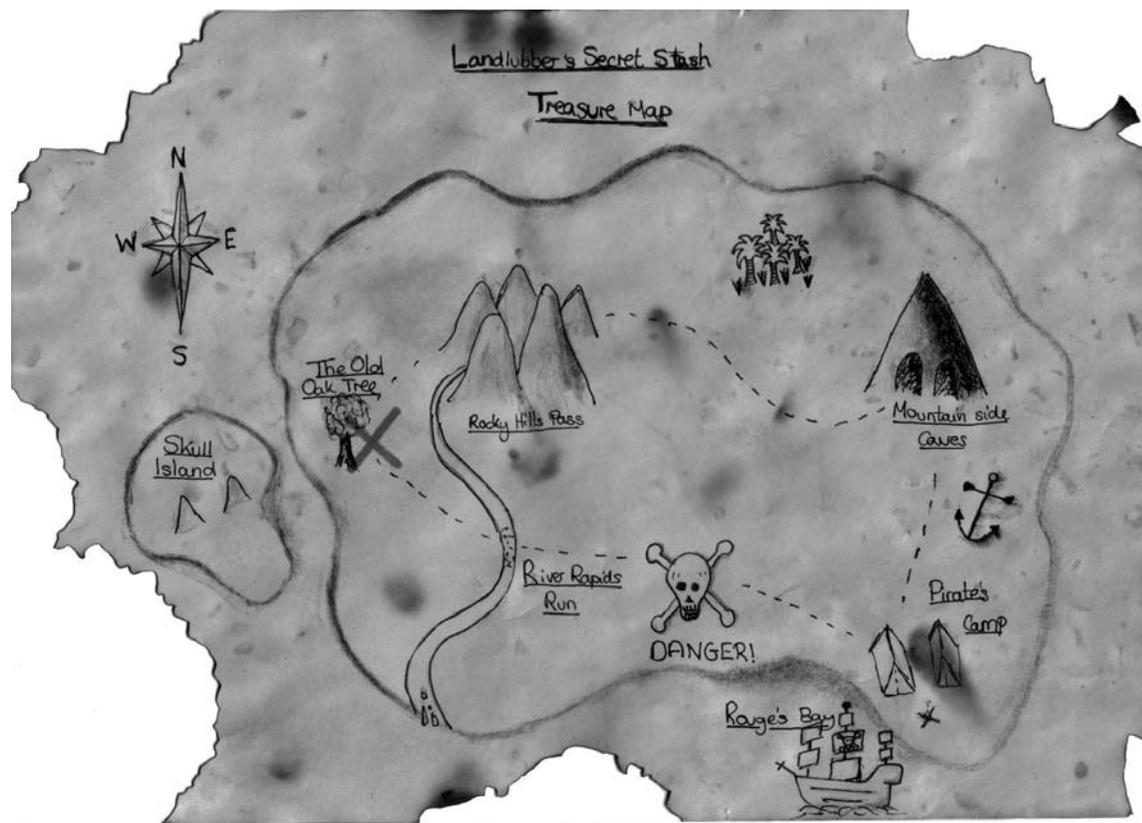
ro de onde vivo, seja somente na minha rua, seja na cidade moro ou no país onde nasci. Este meu lugar imaginário não é nada escatológico, pelo contrário, acredito que seja plenamente possível, palpável e tendo a realidade como ponto de partida.

Um lugar em que as estações são certas e definidas e não este total descontrole que hoje se vive. Com transporte público descente em que se utiliza o meio energético mais ambientalmente aceito. Moradia digna estendida a todos. Ruas limpas, só acredito nas folhas caídas no chão, temo seu charme. Uma violência dentro de padrões aceitáveis, pois esta nunca vai acabar. Políticos sérios e comprometidos com o que do todo e não somente consigo mesmo. Respeito às diferenças de qualquer natureza. Atendimento médico público e de qualidade, já que temos um único imposto para isso. Menos menores nas ruas, sejam pedindo, vendendo pequenas coisas, cheirando cola ou mesmo furtando. Menos porque é muito difícil pôr fim a isso tão rapidamente (como disse antes, meu lugar imaginário está

dentro dos limites da possibilidade e do que se pode efetivamente fazer). Administração pública inteligente e cada vez mais atenta às necessidades da sociedade civil, que paga os impostos. Tolerância mútua. Honestidade nas atitudes como o pressuposto de que sempre se deve agir com boa-fé.

Um lugar onde aqueles que lá vivem nunca tentam tirar proveito uns dos outros e sem que haja sempre o "jeitinho". Onde se leia mais. Comida e cultura para todos. Onde se possa haver lugares certos para que possa fazer o que se quer, como o simples ato de fumar (este policiamento hostil é simplesmente chato). Escolas públicas que atendam a todos e em todos os graus. Ah! Valorização monetária daquele responsável pela educação formal. E tantas outras coisas que deixo a seu critério leitor, que bem acredito esteja já visualizando o teu lugar imaginário. Mas pense neste não como um paraíso particular, mas um melhor lugar para se viver.

Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!





Respeitar o silêncio, sim. Diminuir nossa cultura, não.

Com a nova lei do silêncio, BH pode parar. É que a lei estabelece níveis de emissão sonora incompatíveis com o funcionamento da cidade. À noite, por exemplo, não são permitidos sons acima de 45 decibéis (uma TV ligada no volume normal, ultrapassa esse limite). Com isso, não haverá shows, eventos, festas populares em praças, até ônibus circulando, afetando a economia e a geração de empregos. Nós sabemos que o silêncio é um direito sagrado. Tanto quanto a liberdade de falar, de se expressar, de trabalhar, enfim, de viver. Por isso, o que pedimos é a abertura de um canal de diálogo para a discussão de uma nova lei, mais justa e criteriosa.



**CAFÉ com
LETRAS**

Da imaginação

Dani Morreale

Já imaginou nunca mais imaginar? A imaginação é uma fabricação da realidade. Poderíamos perder todos os amores, todos os amigos, mas a imaginação?!

Quando se imagina alguma situação ou cria-se alguma história, é sempre em busca de uma realidade (distante ou próxima). E quanto mais distante é, mais fantástico é o mundo que se cria - o verdadeiro mundo imaginário. Já a palavra imaginação deriva do latim imaginatio, que por sua vez substitui o grego phantasia. É uma forma de representação do que sentimos não existir no mundo próximo. Não é à toa a imaginação ser uma habilidade

fecunda e permanente às crianças, que fantasiam todo o tempo pra encantar o que sentem. A condição se baseia na forma (ou fórmula mágica?) de distanciar "falsas verdades" para ir ao encontro de "verdadeiras mentiras". Um paradoxo do real para o irreal. É o belo que se condiciona em existir extra-ordinários lugares/coisas/pessoas/personagens, que só a mente pode induzir. E não é apenas nas crianças essa luxuosa condição, afinal, dentro de cada adulto existe um registro de sua infância. Quem nunca deixou-se levar aos pensamentos a imaginar uma volta ao mundo, quer seja num barco de velejar, ou num balão? O que seria do prazer libidinoso se não fosse a vocação da mente?

Aos poetas e escritores, a imaginação precisa ser alada. Tem de alcançar vãos longos para buscar mundos diversos e encantados aos leitores e admiradores da escrita. Como em Macunaíma, de Mário de Andrade, o escritor abusa de sua imaginação e trata do folclore à mitologia (folclore e mitologia são as provas mais primorosas do imaginário). O livro começa: "No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma (...). Era preto retino e filho do medo da noite". Não poderíamos ter um pensamento coletivo de que Macunaíma pudera nascer no fundo de um mato virgem, tampouco era filho do medo da noite. Mas podemos admirar coletivamente e viajar nesta obra-prima, e acompanhar as passagens, atrapalhadas e travessuras deste herói-personagem criado por Mário.

Já Manuel Bandeira fez o poema "Vou-me embora pra Pasárgada", em que criou um lugar no qual se podem realizar todos os seus desejos: "Vou-me embora pra Pasárgada/ Lá sou amigo do rei/ Lá tenho a mulher que eu quero/ Na cama que escolherei (...)". A longevidade desse poema é o registro de uma fantástica criação imaginária.

Lewis Carroll narra, em "Alice no país das maravilhas", a autêntica obra de uma imaginação ousada. É o sonho de uma garota inteligente e cativante, que admite um incrível mundo dentro de único sonho. E como em todos os sonhos, no de Alice também são mudadas muitas das regras da realidade, e essas mudanças vão sendo analisadas pela própria personagem principal, em um jogo bastante interessante de se acompanhar.

O físico Albert Einstein revelou que suas descobertas tiveram 2% de conhecimento e 98% de imaginação. Charles Baudelaire alguma vez disse que "a verdadeira realidade só está nos sonhos".

Como qualquer escolha, você também pode escolher e criar suas fantasias, seus personagens, seus modos, seus mundos. Permitir que sua alma saia a passear ao sol e contemplar a lua. Basta ousar a mente, deixá-la fluir e sonhar. Qual é o preço da imaginação? Não custa nada. Você ainda pode com todas as riquezas, dimensões, frutos, planetas e o que quiser. E agora, permite-se pegar numa cauda de cometa, visitar o mágico de Oz no asteroide 32 e soltar pipas de vento no céu de estrelas multicoloridas? Não importa onde vá chegar, o importante mesmo é sonhar.

D DE DESIGN

Design, arte e interação no Café com Letras



O Café com Letras será a casa do mais novo movimento de arte e design do Brasil. No dia 24 de novembro, Belo Horizonte recebe a primeira edição da Feira Arte Design, movimento idealizado pela Villa Félix Produções e compartilhado com diversos talentos de design de Minas Gerais.

Com o objetivo de se tornar uma referência nacional e internacional, a Arte Design inova no formato e no conceito. Reunir pessoas em um ambiente agradável, com produtos diferenciados e,

ainda, com um cenário que desperte discussão e novas idéias é o foco do movimento.

Muito mais que uma feira, o encontro criará uma oportunidade de conhecer e adquirir um artesanato diferente, resultado do trabalho dos designers na transformação de suas idéias em produtos.

A ambientação do Café com Letras será adaptada à proposta, abrindo ao público um cenário de múltiplas interações. No espaço, exposição de produtos em

artesanato, instalação interativa de novas mídias e pontos de inserções para reflexão.

Já na primeira edição, será lançado um concurso de novos talentos em design para fomentar a circulação de novas idéias e produtos que sejam condizentes com o conceito do movimento.

Vá ao Café com Letras e torne-se um adepto desse movimento que fará de Belo Horizonte uma referência internacional em arte e design.

FEIRA arte design

CAFÉ com LETRAS

no Café com Letras, rua Antônio do Albuquerque 781. savassi

24 novembro 2007
das 16h00 às 22h00

PRODUTOS DE IDÉIAS

INFORMAÇÕES:
31 3225 9973 / 31 9801 6032
daniel@cafecomletras.com.br

Villa Félix

Onde estão os festivais?

Ana Elisa Ribeiro

Já ouviu falar da FLIP (Festa Literária de Paraty)? Talvez ela seja o evento literário mais badalado do Brasil na atualidade. Não me lembro de outros com tantas celebridades e tanta cobertura de imprensa. Até mesmo o Jornal Nacional dispõe de uns minutinhos para mencionar o convidado fulano ou o escritor cicrano, especialmente os de renome internacional. A FLIP acontece todo ano, na cidade histórica fluminense, e oferece palestras, conferências, mesas-redondas e oficinas para interessados em literatura. Talvez a Festa de Paraty seja tão badalada porque, na atualidade, os escritores podem se tornar celebridades, mais do que em épocas anteriores. Isso não significa que os livros que eles escrevem sejam efetivamente lidos, mas podem ter sido vistos em forma de cinema, por exemplo.

A FLIP, no entanto, não é nem o mais tradicional nem o mais acessível evento de literatura do país. A Jornada Literária de Passo Fundo, no interior gaúcho, acontece há muito mais tempo e, além de promover o encontro entre leitor e autor, produz conhecimento. Das reflexões ensejadas pela Jornada, foram produzidos livros sobre animação cultural, por exemplo. É um evento mais tradicional, mais fundamentado e mais emocionante do que a FLIP. A Jornada tem uma intenção de formação de leitores bem mais evidente.

Alguns eventos "literários" são, na verdade, feiras de livros mais voltadas para o comércio do que, propriamente, para a promoção da leitura. Bienais, salões do livro e feiras costumam contar com estandes de livrarias, algumas promoções



e muita gente circulando. Em Belo Horizonte, o Salão do Livro e Encontro de Literatura é um exemplo de ação pró-leitura. Todo ano, o Salão acontece na Serraria Souza Pinto e oferece à população da cidade mesas-redondas e palestras com autores conhecidos. Este ano, a dobradinha Adélia Prado e Rubem Alves causou uma fila quilométrica do lado de fora da Serraria, com superlotação do pavilhão onde os dois escritores bateram um papo com o público.

Ainda que sejam boas iniciativas, salões, feiras e bienais não transformam a cidade inteira em uma festa a céu aberto. Em Paraty e em Passo Fundo, sim, isso acontece. Em novembro, todo ano, Ouro Preto também se torna uma "sala" de leitura quando a Universidade Federal de lá oferece o Fórum das Letras, também conhecido como FLOP. Escritores do mundo todo, convidados de todas as partes do país, poetas, pensadores da cultura, gestores culturais, todos se encontram na cidade histórica para tratar das letras. E o evento não acontece apenas no Centro de Convenções da

universidade, mas por todas as vielas, inclusive nos bares, à noite. É uma programação cultural completa.

Jornadas e festas literárias são ótimas oportunidades para conhecer escritores, saber a quantas anda a nossa literatura, aprender a gostar de ler e de pensar a literatura. Infelizmente, essas ações acontecem com mais frequência em cidades do interior. Por que será que as capitais não têm promovido festas desse tipo? Por conta do tamanho, da correria do dia-a-dia, da falta de espaços ajustados aos eventos? Quem sabe Belo Horizonte se torne, um dia, cenário de uma festa literária bonita, abrigada em espaços abertos, tais como parques e universidades, ou em belas paisagens urbanas como museus, praças, conjuntos arquitetônicos? Quem sabe alguém aí resolve fazer, no nosso amplo circuito de bares, uma espécie de procissão surpresa de escritores e livros? Seria uma ótima maneira de facilitar o fluxo entre o texto literário e um público que nem sempre tem acesso a ele. Poesia e prosa, lidos em voz alta, fazem muito sucesso.



Nick Maltby em... “A primeira carta”

Alberto Fonseca

Nick Maltby é inglês. Nascido em Londres, vive em Chelsea, bairro de classe alta da cidade, ao sul do Hyde Park. Sua família adquiriu fortuna nas colônias, nos séculos XVIII e XIX. Hoje, tanto Nick quanto seu irmão, Alexander Maltby, vivem das rendas de seus investimentos. Estudaram ciências sociais e políticas e dedicam-se a viajar o mundo para conhecer outras culturas e, eventualmente, fazer negócios. Seguem a tradição familiar. Está também no sangue da família escrever livros de viagens, que compõem a partir de longas cartas que escrevem, um ao outro, quando em viagem. Por esse motivo, Nick e Alexander raramente viajam juntos.

No mês passado, Nick chegou ao Brasil e, ao tomar seu primeiro café, ainda no aeroporto, apaixonou-se por pães de queijo. Motivo pelo qual, não tendo achado nada similarmente encantador em qualquer ponto do Brasil, acabou vindo se estabelecer em Minas Gerais, para uma temporada de alguns meses. Escreverá suas cartas ao irmão Alexander do apartamento que alugou em Belo Horizonte, na Savassi.

Tendo tomado conhecimento do conteúdo desta estória num sábado à toa, num bate-papo ocorrido entre uma xícara de café e outra, em frente a um prato de pães de queijo, o time editorial do ‘Letras’ resolveu traduzir e publicar as cartas escritas por Nick Maltby a seu irmão Alexander, cuja primeira vai reproduzida abaixo. Custou-nos um pouco obter a permissão de Nick, porque ele achava que suas observações sobre o Brasil, muito pessoais e típicas de um estrangeiro, poderiam causar estranhamento e até mesmo – em algumas partes – ser consideradas ofensivas pelas pessoas da terra.

Nós, porém, decidimos publicá-las por isso mesmo, por seu conteúdo possivelmente “subversivo”. Talvez um pouco de subversão verdadeira seja bom, para o Brasil acordar: desafio e polêmica. De todo modo, prometemos a Nick manter-lhe o anonimato. Mas, vamos à primeira carta:

Caro irmão Alexander,

Um viajante, como eu, vindo das terras do Norte, ao ter contato com o dia-a-dia de um país exótico, como o Brasil, e querendo traduzir alguns dos aspectos de sua cultura para você e para nossos compatriotas na Inglaterra de maneira acurada, não poderia deixar de ficar um tempo com a pena abaixada – ou seja, laptop fechado – asseguro-lhe. Passei já aqui um mês observando, comendo e bebendo com os interessantes e exóticos habitantes do Brasil. Aliás, que não me ouçam: todos se acham um tanto europeus e frequentemente gostam de me

falar de suas raízes familiares inglesas, às vezes, outras vezes francesas, italianas, e por aí vai. Nenhum, até hoje, me contou de sua descendência bantô ou sudanesa, de África. De mim pra mim, não vejo qual a grande vantagem que vêm nesse eurocentrismo, mas considero isso parte do exotismo local.

O que me traz ao fato de que nossa realidade, em Londres, não podia estar mais longe do processo diário, prático, dos cidadãos dessa terra. Os brasileiros, morando num país muito jovem, já são nitidamente escravos de fantasmas. De sua viagem a Lisboa, você escreveu-me sobre o extraordinário orgulho dos portugueses. Numa terra fértil e farta como o Brasil, conhecidos campeões do mundo de futebol, eu esperava encontrar segurança tal, ligada a alegria de vida, a tranquilidade (à tranquilidade que aprendemos a apreciar na Bossa Nova). Digo-lhe que não, mas não. O que achei foi um povo às vezes alegre, mas inseguro,

insatisfeito. Um povo completado (talvez pelos portugueses).

É também um povo sábio, mas tocado pelo absurdo, se é que você me entende. Há pessoas inteligentes, dadas à ironia, que tentam pensar o país. Mas não são predominantes na população. Em sua maioria, os brasileiros não pensam muito: são tranquilos e pacatos durante o dia, exercitam-se em praças ao ar livre, almoçam, tomam cafés. À noite, transformam-se em seres dionisíacos, sensuais, violentos. Há inúmeras festas de carnaval, por todo o país, em qualquer época do ano, e nelas só se cuida do cultivo de prazeres hedonísticos, aos quais se mistura frequentemente a prática de atos violentos, brigas e mortes.

Os jovens, em sua maioria, estudam em universidades particulares que, disseram-me, são movidas pelo dinheiro e quase nada realmente ensinam. Há também algumas universidades públicas e gratuitas, mas essas em geral

frequentadas apenas pelos alunos mais ricos! Rá! Estranho, não? Pois, deram-me como certo. Há, de todos os modos, uma espécie de tradição coletiva, nas famílias, um fantasma do passado, de que as crianças, os adolescentes, têm de ter um diploma universitário. Os pais, porém, não se perguntam se eles realmente têm formação. Não fazem que conheçam Shakespeare, Sócrates; não os obrigam a recitar versos da Divina Comédia. Estão interessadíssimos, como os seus filhos, na festa da formatura. Estive já assistindo mais de uma dessas festas. Há empresas que se especializaram nelas, fazem-se verdadeiros espetáculos, dignos de filmes de Bolywood (em sua breiguice)! As famílias ajuntam dinheiro para pagar por essas festas desde que seus garotos entram na universidade.

Depois, há a influência norte-americana nos hábitos – e até na língua local. Para mim, muito confortável! Passo numa pequena bodega perto de minha casa, está escrito “PIZZA DELIVERY”. Não é sensacional? Se eu lhe dou as palavras em língua portuguesa (a língua local) para delivery: “entrega em casa” - vc concorda comigo que é muito mais cômodo para um britânico dizer “pizza delivery” no telefone, e não há problemas. Pense se um brasileiro escrevesse o mesmo em sua bodega em Londres – não teria clientes! Bom, mas o norte-americanismo onipresente chateia, um pouco. Mas disso falarei mais na próxima. Agora vou comer “pães de queijo”, uma das melhores coisas desse país: escreverei uma carta para falar deles – e de seu papel cultural – mais adiante!

Agora, fico por aqui, abraço afetuosos,

Nick



Alberto Fonseca, mineiro e diplomata, é o Adido Cultural do Brasil em Londres



Eletronika 2007

Está de volta o principal evento do gênero de Belo Horizonte

Rodrigo James

Enquanto parte do público que gosta de grandes eventos musicais envolvendo atrações internacionais reclama que Belo Horizonte é sempre aliada deste circuito, existe uma outra parte que vive uma situação oposta. Os ávidos por apresentações dos grandes djs do mundo já se acostumaram a ver aqui entre as montanhas os maiores nomes desta seara, que já incluíram a capital mineira em seus roteiros permanentes. Nomes como Tiesto, Carl Cox, Ferry Corsten, Erick Morillo, Infected Mushroom e até mesmo o famigerado Fatboy Slim já se tornaram figurinhas fáceis na cidade e grande parte desta cultura do dj por aqui se deve a um evento: o Eletronika.

Criado em 1999 pela extinta produtora Motor Music, em associação com Aluizer Malab, o Eletronika tem, desde seu início, o slogan "festival de novas tendências musicais". O que significa exatamente este subtítulo pode ser mensurado pela própria programação do festival que, em quase 10 anos de existência, trouxe à cidade iniciativas pioneiras no gênero eletrônico e mostrou que o termo "música eletrônica" era bem mais abrangente do que pensava o público. Hoje, olhando para trás, dá pra dizer que o Eletronika é bem mais um festival que discute a presença da eletrônica na música do que de música eletrônica.

Só isto justificaria a presença na primeira edição do Pato Fu, que desde o primeiro disco mostrava que sabia lidar com e eletrônica e se preparava para lançar

"Isopor", o disco em que escancaravam esta característica. Outra atração do primeiro ano foi a banda de post rock Tortoise, que deixou muita gente pensando no verdadeiro significado deste termo e abrindo a cabeça para coisas mais experimentais. Ao longo dos anos, o festival manteve esta proposta, se renovando na medida em que a própria cena se renovava. Muitos se lembram do Eletronika hoje como o festival em que os grandes djs do país (Marky, Xerxes, Patife, Anderson Noise, etc) se apresentavam na cidade. Outros tantos interessados no lado experimental, se lembram dos muitos workshops, showcases, palcos dedicados a iniciativas mineiras e shows radicais como os inesquecíveis Jon Spencer Blues Explosion e Asian Dub Foundation em 2001, além do Mogwai, em 2002, que deixou muita gente surda e abalou "seriamente" as estruturas do Teatro Francisco Nunes.

A última edição cheia do festival aconteceu em 2004 e renunciou que uma mudança era necessária. Apesar de uma escalação recheada de nomes de peso da cena nacional, o festival amargou um fracasso de público em sua noite principal no Chevrolet Hall. Uma parada era necessária para se repensar o formato e principalmente a necessidade de um evento deste porte em uma cidade então dominada por outras iniciativas do gênero. Durante 2005 e 2006, o Eletronika pairou sobre a cidade como uma nuvem, ameaçando descer e recuperar seu posto de inovação. A parada estratégica se mostrou necessária na medida em que o

termo, a cena e principalmente os djs e produtores perderam um pouco o fio da meada.

Para colocar as coisas nos eixos e olhar para o futuro, foi necessário um nome: James Murphy. Para quem ainda não ligou uma coisa à outra, é o responsável por um dos selos mais interessantes da atualidade (DFA Records) e por uma das principais bandas que fazem um crossover entre a eletrônica e o rock nos dias de hoje, o LCD Soundsystem. Nada poderia ser mais perfeito. A presença do LCD Soundsystem no lineup do Eletronika 2007 não só legitima a vocação de vanguarda do evento (apesar de o LCD ser um dos nomes mais populares desta tal cena no exterior) como o devolve a seu lugar de direito.

Numa era em que o domínio dos djs se faz presente na cidade, se apresentando em eventos duvidosos e confundindo a cabeça do público quanto à sua importância, o Eletronika promete voltar à cena recolocando as coisas em seus devidos lugares. Claro, se cumprir seu papel de vanguarda, proporcionar discussões acerca do tema e integrar ainda mais o que vem de fora com a cena local (característica fundamental do Eletronika desde seu início e primordial para que ele não se transforme em mais um evento no bolo, apesar de neste ano ter sido deixada um pouco de lado), o festival vai fazer com que as pessoas pensem no que estão vendo, ouvindo e consumindo. Ainda que muitos prefiram ir apenas para escutarem e se jogarem. Tudo bem, existe público para tudo. Ainda bem.



Clube de Jazz

O MELHOR DA
MÚSICA BRASILEIRA
NA INTERNET

www.clubedejazz.com.br

Entretenimento por tempo indeterminado

X-Man

Já pensou em ficar imerso por horas a fio dentro de um mundo de fantasia? Algo mais interativo do que quando você esquece de tudo assistindo a um bom filme no cinema e sai de lá com aquela sensação de “voltando à realidade”. Imagine agora você levar alguém para dentro desse filme, para compartilhar aquela experiência de “imersão no irreal” e poder dividir com essas pessoas tudo que você experimentou nesse mundo fantástico, e com maior flexibilidade do quando você está assistindo um filme - podendo, em vez de ter uma participação passiva, decidir o que acontece com você dentro dessa viagem na imaginação.

Pois é, alguém teve uma idéia que possibilita a milhares de pessoas hoje em dia fazer isso. Permite às pessoas viajar na própria imaginação compartilhando a experiência com outros, de graça ou gastando pouco apenas de vez em quando.

Começou com um senhor lá nos Estados Unidos que achou que seria mais interessante se as miniaturas dos jogos de estratégia que ele jogava interagissem entre si mais do que apenas se mover no tabuleiro. Assim ele desenvolveu descrições pra cada uma dessas peças. As pessoas então poderiam, além de apenas mover as peças, se comunicar como se fossem os personagens dessas miniaturas, tornando o jogo mais engraçado e divertido. Surgiu aí o jogo chamado de “Role Playing Game”, aqui no Brasil conhecido como “Jogo de Interpretação” ou apenas “RPG”.

De lá pra cá a coisa mudou pou-

co, mas evoluiu. A medida que o “jogo” foi se popularizando, mais temas para dar asas à imaginação foram surgindo, pra se adequar ao gosto de públicos diversos. Temas inspirados em livros e filmes, como terror, aventura, suspense e até romance foram encontrando lugar nas mesas de RPG e na imaginação de seus participantes.

O RPG é comumente referido como um jogo, e seu participante como “jogador”. Porém o termo “jogo” é de certa forma inadequado, uma vez que você não joga, não perde, nem ganha. O termo existe como referência porque o RPG surgiu de um jogo de tabuleiro, e porque, como alguns jogos, usa dados, mas desde sua criação, vindo dos tabuleiros, ele virou algo diferente, uma ferramenta para você usar a sua imaginação fingindo ser outra pessoa, em outro mundo.

O RPG ganhou imensa popularidade, inicialmente entre os fãs de jogos de estratégia, depois nos “nerds” e finalmente no grande público. Hoje em dia você encontra qualquer tipo de pessoa entre os fãs de RPG. A técnica de imersão no mundo de fantasia se tornou conhecida o suficiente para ser motivo de estudo, e passou a ser usada por empresários como técnica de dinâmica de grupo, por psicólogos como tratamento em grupo, e professores pra facilitar aos alunos assimilar eventos e fatos históricos “inserindo-os” nos eventos históricos.

Com a variedade de formas de explorar a técnica de contar histórias do RPG, o público interessado no passatempo não pára de crescer. Nos Estados Unidos, desde que foi criado

em 1974, não param de surgir editoras, grandes e pequenas, especializadas no passatempo. Com o passar dos anos ele foi sendo difundido no mundo pra chegar ao Brasil no final dos anos 80.

O RPG no Brasil teve um começo humilde. Universitários estudando no exterior trouxeram a novidade para cá e inicialmente o público se resumia a esses poucos estudantes com um punhado de livros importados. Com o tempo uma editora local resolveu apostar nessa mania que estava se popularizando no mundo todo e começou a traduzir alguns livros para o português. Os livros fizeram sucesso instantâneo entre estudantes e adeptos de leitura de fantasia, o que acabou estimulando outras editoras a entrarem nesse mercado. Com o tempo, além de livros de RPG baseados em literatura e ficção estrangeira, começamos a ter jogos em que se podia usar a imaginação para ser um bandeirante, ou um personagem do nosso folclore, como o Saci.

Com o público crescente, as editoras começaram a organizar eventos pra atrair ainda mais gente. No Rio de Janeiro e em São Paulo começam a surgir eventos como a RPG Rio e o EIRPG (Encontro Internacional de RPG). O EIRPG chegou a atrair até 13.000 jogadores de todo Brasil para São Paulo para assistir palestras, comprar livros, conhecer escritores nacionais e internacionais de RPG, e, finalmente, jogar nas dezenas de mesas disponíveis os mais diversos jogos e temas.

Em Belo Horizonte, o RPG começou praticamente ao mesmo tempo em que no Rio e em São



Paulo. Aqui porém a comunidade de jogadores adotou um comportamento incomum ao se organizar. O RPG começou em BH quando uma livraria começou a importar jogos pra vender. Estudantes da UFMG que conheciam o jogo do exterior sugeriram a criação de um clube na livraria onde pessoas querendo conhecer toda a fantasia do RPG pudessem entrar em contato com narradores do jogo e participar de grupos. Foi criado então o “Dragon’s Cave” (Caverna do Dragão), o primeiro clube de RPG mineiro. Diferente de outros clubes no Brasil, o Dragon’s Cave cobrava uma taxa mensal pra que os jogadores pudessem usufruir da sua estrutura - um ambiente preparado para o jogo, livros, dados. Essa medida de forma alguma afastou o crescente número de jogadores e com o tempo, no meio dos anos 90, vários outros clubes surgiram.

Com o tempo a popularização do jogo no Brasil chegou a um ponto que os clubes foram se

tornando desnecessários, pois todo mundo conhecia alguém que jogava perto de sua casa, e as livrarias se tornaram apenas ponto de partida pra começar a jogar. A internet ajudou na comunicação entre os jogadores, e na popularização do passatempo através de meios virtuais, como programas de mensagens instantâneas, de bate-papo, etc..

Jogos de computador e videogame inspirados em temas comuns abordados no RPG, como fantasia e ficção científica, também começaram a buscar esse público, e acabaram sendo referidos também como RPG. Apesar do apelo do mundo virtual, os fãs de RPG se atêm ao princípio original de usar a própria imaginação, que por ser sem limites, é capaz de te proporcionar entretenimento por tempo indeterminado.

Edmundo “X-MAN” Silveira foi por toda vida apreciador e praticante de passatempos de nerds, como quadrinhos, RPGs e filmes de Fantasia & Sci-Fi.

Cidades, lugares, labirintos...

Maria Elisa
Rodrigues Moreira

Italo Calvino era um mestre em imaginar lugares. Quando pensamos nesse aspecto de sua obra, é difícil não nos lembrarmos imediatamente de *As Cidades Invisíveis*, por cujas sendas é possível que sejam traçados os mais diversos percursos e as mais inusitadas viagens. Compondo um delicado mapa delimitado pela memória de Marco Polo e pelos sonhos de Kublai Khan, as cidades femininas de Calvino (vale lembrar que todas têm nomes de mulheres) são mais que lugares fantásticos ou oníricos, podendo ser lidas como verdadeiros espaços de conhecimento, de desejo, de humanidade...

Nesse mapa em filigrana, labirinto-espelho assimétrico, pode-se adentrar por diferentes rotas que levam o viajante a alcançar lugares que são sempre vários e sempre os mesmos, espaços mutantes e híbridos que somente se concretizam com o olhar e a presença dos que o percorrem, e refletem todos os enganos da linguagem.

No entanto, não é apenas nessas cidades invisíveis que Calvino exercita e expressa sua imaginação criadora. Se percorrermos sua obra com a mesma lente de aumento com que o autor mira Olinda e des-

cobre-lhe cidades concêntricas que crescem umas das outras, podemos identificar outros infinitos espaços desdobráveis e multiplicáveis, nos quais concretude e fantasia mesclam-se ininterruptamente. Os lugares que ele imagina são um reflexo de sua inquietude e de seu desejo de saber, incorporando na mesma medida a ciência e a poesia e dando origem, assim, a um vasto universo que abarca desde o mais fabuloso até o mais palpável.

É assim que Cosme de Rondó constrói o seu mundo em O barão nas árvores, um mundo suspenso, com regras e ritmos próprios impostos por seu criador e habitante, mas que ao mesmo tempo não deixa de estar fincado em terra firme. Ao escolher viver sobre as árvores e nunca mais tocar o chão, Cosme precisa criar nesse novo mundo todas as circunstâncias e possibilidades que lhe permitam sobreviver nesse espaço que é, ao mesmo tempo, distante e próximo do mundo concreto que o circunda.

Se Cosme, para sobreviver, precisa criar como seu espaço uma cidade alada, um mundo de folhas troncos raízes sementes, Marcovaldo reúne os mesmos elementos dispersos pelo solo e, percorrendo um trajeto inverso, quase subterrâneo, constrói sua cidade a partir do que há de mais prosaico e cotidiano em seu trajeto



pela mesma. Em Marcovaldo, ou as estações na cidade, é das marcas do homem sobre a natureza que parte a imaginação para a criação de um espaço ao mesmo tempo poético e endurecido, marcado pelo cinza do concreto que deixa apenas entrever o que nele restou de natureza. Marcovaldo quer no solo de cimento o verde de Cosme, e com sua característica ironia melancólica Calvino constrói com a concretude da cidade desse operário um contraponto ao lirismo – nunca ingênuo - do Barão de Rondó.

Mas não é apenas do mundo circundante que Calvino retira os elementos com os quais constrói e desconstrói os lugares que imagina. A própria linguagem e os signos de que esta pode se valer são, também, matéria-prima para a construção de seus mundos. É o caso de Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni

e dos Altri de Corbentraz e Sura, cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez, o protagonista e personagem que dá título ao livro *O cavaleiro inexistente*. Este e o mundo que o circunda não são mais que produtos da linguagem, personagens de uma história narrada por uma freira cujos destinos dependem da memória, dos conhecimentos e da linguagem por ela utilizada.

É assim que esse mundo pode ser delimitado pelo traçado de um mapa, no qual a freira assinala em cruces e linhas traçadas os percursos e eventos que determinam a história de Agilulfo. E é assim também, por ser produto da linguagem, que o cavaleiro desaparece ao perder seu nome: acusado de não ter realizado os feitos que justificariam sua nomeação, o cavaleiro sai em busca da tentativa de comprovação destes - a virgindade de uma

donzela que salvou há quinze anos. Quando supõe que essa virgindade realmente foi perdida e que, portanto, seu nome é inexistente, o cavaleiro desaparece. O espaço de Agilulfo é o espaço do texto, o lugar da linguagem, espaço imaginário no qual engano e possibilidade convivem, no qual se permite uma multiplicidade de lugares, mundos, caminhos...

Para percorrer os lugares imaginados por Calvino, no entanto, nenhum guia melhor que o próprio autor, que assim nos apresenta a Irene, cidade invisível, símbolo desses espaços imaginários: "Irene é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se se aproxima dela".

Maria Elisa Rodrigues Moreira é autora do livro *"Saber Narrativo: Proposta para uma leitura de Italo Calvino"* - Tradução Planalto Editora

Produção cultural sem crítica é manca

Bruno Golgher

A produção cultural local cresce de maneira inequívoca. Basta compulsar as páginas de nossos jornais diários ou examinar alguns dados das leis de incentivos: em 2002 foram captados 20 milhões de reais em Minas Gerais por meio da lei federal de incentivo à cultura, a lei Rouanet. Em 2006, 102 milhões. Um aumento de espetaculares 493%. No caso da lei estadual de incentivo à cultura passamos de 21 milhões em 2003 para projetados 36 milhões em 2007.

O resultado é o aumento significativo da oferta de bens culturais à nossa disposição. São festivais, peças de teatro, CDs, vídeos, restaurações, pesquisas e muitos outros, muitos

deles gratuitos ou a preços populares. Ainda que as vozes do “por aqui nada acontece” ainda sejam ouvidas, não há como negar que vivemos uma fase particularmente boa em nossa produção cultural.

O mesmo não pode ser dito a respeito de nossa crítica cultural. A famigerada reengenharia ou downsizing atingiu os cadernos culturais com particular virulência, reduzindo seus quadros. O que temos hoje é um veículo de divulgação cultural, um prognóstico do que está por vir, com raras e honradas exceções. O espaço para reflexão e crítica reduz-se a olhos vistos, causado, sem dúvida, pelo perfil da demanda do público leitor. Existe, é verdade, investigação crítica nas faculdades e universidades e

os democráticos blogs.

Estará a crítica voltada para o público leitor médio, em outras palavras para o cidadão, fadada a desaparecer? Em tempos de oferta cultural gigante e de hábitos culturais onívoros não seria mais simples, rápido, prático e indolor simplesmente prescindir da reflexão e da crítica cultural?

Mas de maneira paradoxal somos todos – e cada vez mais – críticos. Gostamos de conversar sobre filmes, a escalação do Tim Festival, o último disco do Radiohead, a obra do Cildo no Inhotim. Seja como sinal de distinção ou como ética prática o fato é que é bom falar sobre cultura.

Contribuir para uma discussão

na esfera pública bem informada e rica em termos culturais é importante para a constituição de um campo denso da produção cultural, criando um ambiente mais criativo e competitivo para as artes.

O Produção e Crítica Cultural, Hoje

O “Produção e Crítica Cultural, Hoje” é um encontro de observadores, comentaristas, críticos, produtores e gestores culturais com o intuito de gerar um balanço crítico da produção cultural local.

As fronteiras geográficas e disciplinares são sempre artificiais mas não há como fugir do fato de que operamos e vivemos em um espaço geográfico de-

terminado, que influencia de maneira não-trivial nossos projetos culturais, artísticos e existenciais. O mundo, aqui, não é plano. Portanto, o foco no local. Mas sem bairrismo.

Ao longo de dez dias, 40 profissionais de destaque avaliarão nove campos da cultura (i.e. a música, o teatro, a dança, as artes plásticas, o design, a arquitetura, a literatura, o cinema, vídeo e animação e a moda) além do campo da gestão cultural, sempre ligada e implicada na produção cultural.

Para cada dia do evento foram convidados três palestrantes e um moderador. A contribuição dos participantes será publicada no “Letras” e em livro, para que alcancem maior público.

Produção e Crítica Cultural, Hoje

Programação

Tema: Gestão Cultural

Segunda, 19.11

• Palestrantes:

Maria Helena Cunha (Duo Informação e Cultura)

José Márcio Barros (PUC-MG)

Francis (Centro Cultural NUC)

• Moderador: Bruno Braz Golgher (Café com Letras)

Tema: Moda

Quarta, 21.11

• Palestrantes

Ronaldo Fraga (Ronaldo Fraga)

Graça Ottoni (Graça Ottoni)

Suzana Bastos (Cowen)

• Moderadora: Mariana Tavares (UNA)

Tema: Design

Sexta, 23.11

• Palestrantes

Juliana Pontes (FUMEC)

Mariana Hardy (Hardy Design)

Cynthia Gieseke (UNA)

• Moderador: Eduardo Braga (Tribo-In, ADG)

Tema: Cinema, vídeo e animação

Terça, 27.11

• Palestrantes

Pedro Olivotto (Embracine)

Leo Vidigal (UFMG)

Rafael Ciccarini (IEC-PUC)

• Moderador: Cláudio Santos (Voltz)

Tema: Teatro

Quinta, 29.11

• Palestrantes

Fernando Mencarelli (UFMG)

Carlão (FIT)

Soraya Belusi (O Tempo)

• Moderadora: Flávia Botelho (IEC-PUC, UNI)

Tema: Literatura

Terça, 20.11

• Palestrantes

José Eduardo Gonçalves

(Ofício da Palavra, Rádio Inconfidência)

Rogério Barbosa (CEFET/MG)

Sérgio Fantini (FMC)

• Moderadora: Ana Elisa Ribeiro (CEFET/MG)

Tema: Arquitetura

Quinta, 22.11

• Palestrantes

José dos Santos Cabral

(UFMG)

Natacha Rena (Fumec)

Carlos Alberto Batista Maciel

(Arquitetos Associados)

• Moderador: Carlos Teixeira (Vazio S/A)

Tema: Música

Segunda, 26.11

• Palestrantes

Kiko Ferreira (Rd.

Inconfidência)

Mariana Peixoto (Estado de Minas)

Marcelo Ramos (OSMG)

• Moderador: Rodrigo James (Aorta)

Tema: Dança

Quarta, 28.11

• Palestrantes

Christina Machado (Cia de

Dança do Palácio das Artes)

Rui Moreira (Cia Seráquê?)

Rodrigo Pederneiras (Grupo

Corpo)

• Moderador: Miguel Anunciação (Hoje em Dia)

Tema: Artes Plásticas

Sexta, 30.11

• Palestrantes

Máximo Soalheiro

Marcos Hill (UFMG)

Marconi Drummond

Lage (Museu de Arte da

Pampulha)

• Moderador: a definir

PRODUÇÃO E CRÍTICA CULTURAL, HOJE

UM RESUMO DA CENA CULTURAL DE BELO HORIZONTE EM 2007

PALESTRAS

SEMINÁRIOS

ARQUITETURA

VÍDEO E ANIMAÇÃO

MODA

TEATRO

LITERATURA

DESIGN

MÚSICA

GESTÃO CULTURAL

CINEMA

DANÇA

ARTES PLÁSTICAS

DE 19 A 30 DE NOVEMBRO NO CAFÉ COM LETRAS

INFO: 9801-6032 / WWW.CAFECOMLETRAS.COM.BR

REALIZAÇÃO:



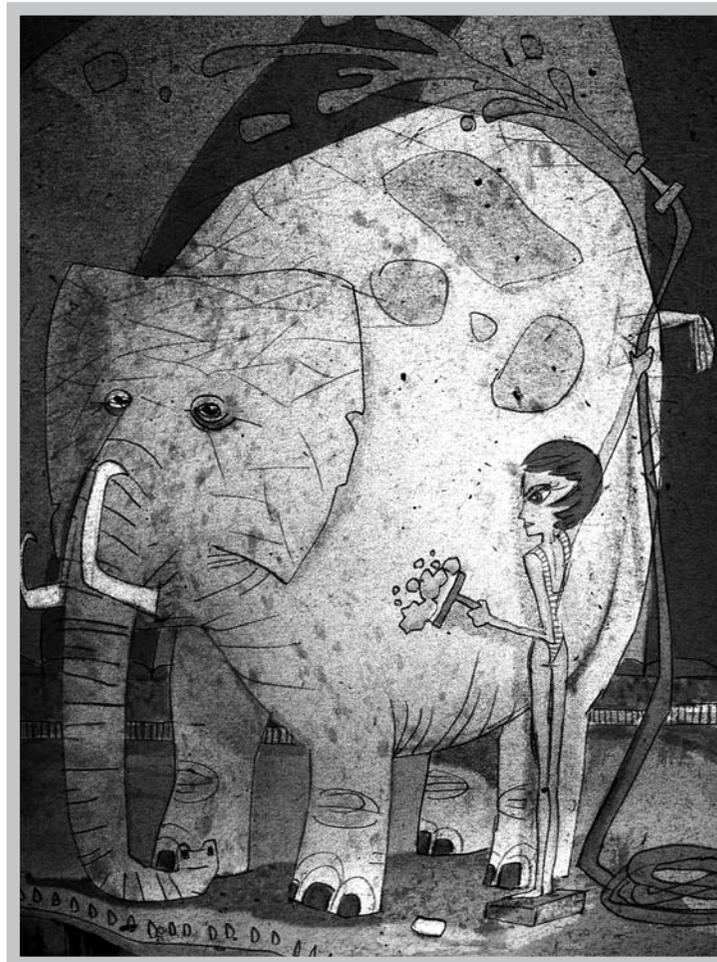
APOIO CULTURAL:



A DE ARTE



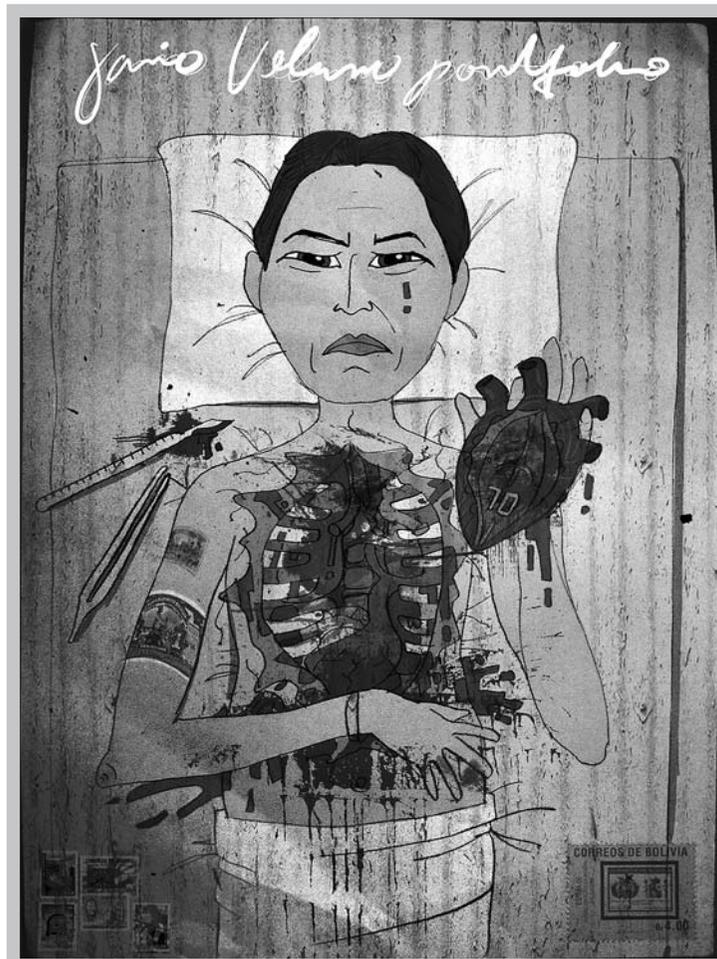
Magazine



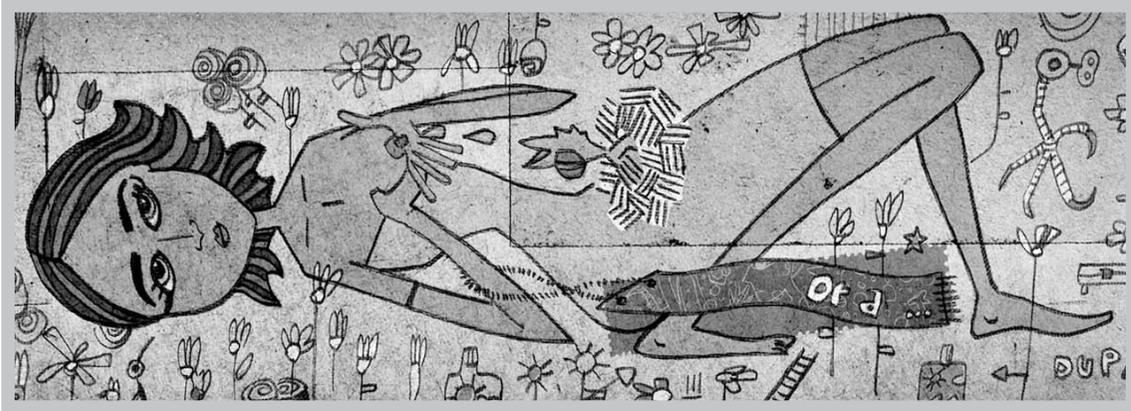
Elefante



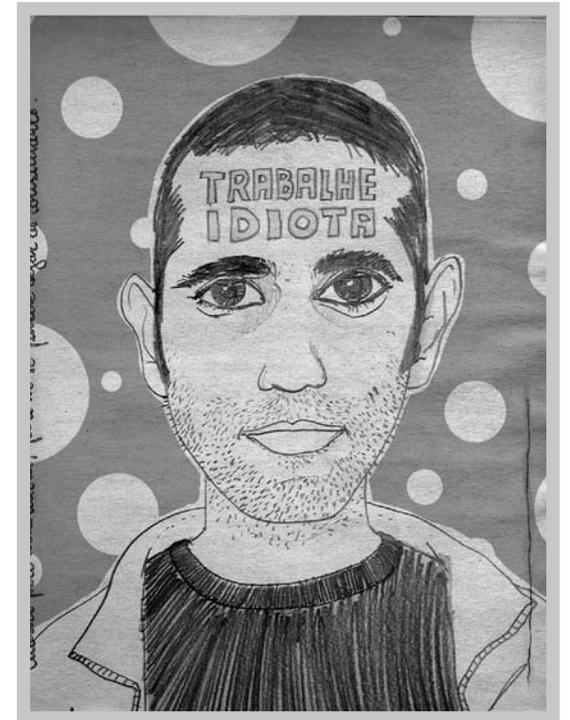
Aviões



Pai



Achei



Tralhe



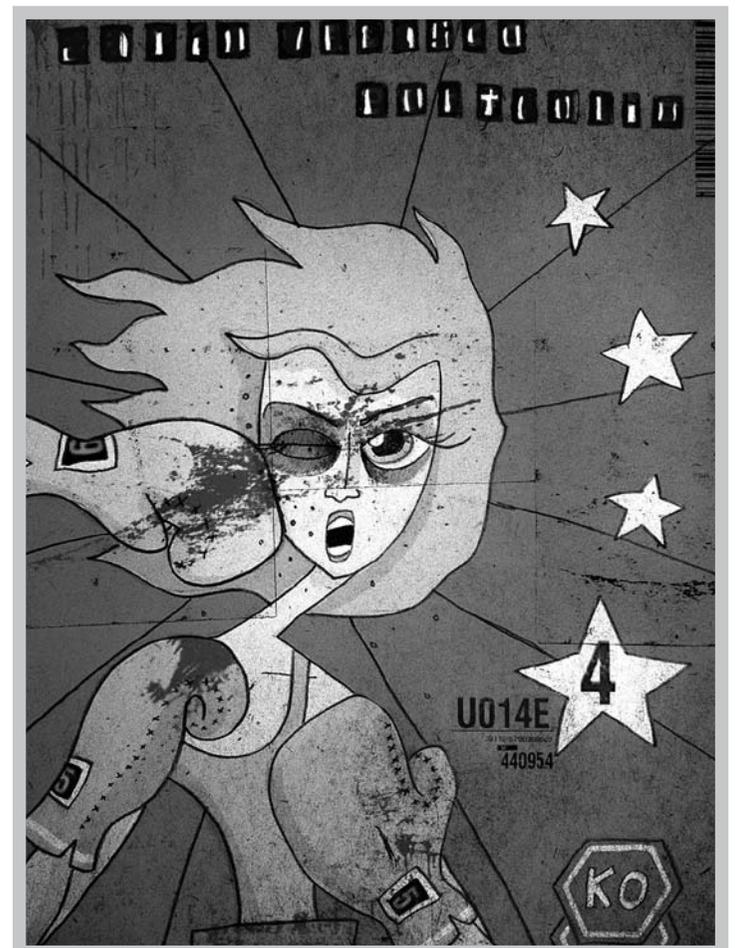
Trem

Darío Velasco

Em novembro, no
Café com Letras



Suchiba



Boxe

Lançamentos do mês no Café com Letras

Do amor mais abrigado do vento

Autora: Venus Brasileira Couy
Edições Magnólia
Segunda, 19 de novembro



Do amor mais abrigado do vento testemunha e marca com ex-centricidade – fora do centro comum – cortes na cadeia discursiva, quando, então, elos se soltam para que outros se formem, levando-nos a espreitar nuances de uma pintura da escrita e do amor, emoldurada “na almo-fada felpuda das palavras”.

Venus Brasileira Couy pinta com versos e sopra nos nossos ouvidos um vento pulsante de palavras, numa respiração original e iluminada. Partindo do fugaz sopro do amor, chega ao incessante movimento do de-

sejo. Constrói uma vertente do amor que, mesmo resguardado do vento e abrigado de adversidades, comporta um espaço de “verso sem abrigo”, precário e “sem cerzidura”, que faz discordância, desconhece e trespassa o ponto final. É um amor que permite a “miopia” e exatamente pela falha, falha do sentido da visão, pela falta de contorno preciso, faz interessantes descobertas, enxerga ampliado e diferente, tal como no dizer do míope: a romântica lua fica muito maior.

Assim postos, o amor e o verso, mesmo com toda a completude de que fazem alarde, mesmo sendo “bengala” ou um “echarpe” que nos protegem do vazio, mesmo ali, o vento bate. Algo escapa, e “no bote da palavra crua” tornamo-nos cativos, mas,

notem bem, há poemas com espaço entre as linhas, o que nos lembra de que há espaço para incluirmos nossa subjetividade. Diante da vitrine destes poemas somos afetados pela estética do belo, bem como pela preciosa “solidão da escrita” transmitida pela autora.

Ao revelar “intimidade com a tinta preta” da escrita e topar com as palavras, “fantasmas grudentos vestidos de madre-pérolas”, a autora costura, “lavra que lavra”, faz “assinatura” e permanece “escriturária dos alongamentos invisíveis”, cuidando de anunciar, já na epígrafe, que o amor é pulsante,



te, acende e apaga. Bem disse Lacan que os seres humanos pedem que as luzes sejam moderadas, visto que a luz em si é absolutamente insuportável.

Do amor mais abrigado do vento revela a brisa da poesia, evidencia um trabalho e um investimento numa escrita que não pára de soprar, deixando “o poema escoar pelo ralo” para trazer ao leitor “a espuma das palavras esquecidas”.

O Vampiro

Autor: Leonardo Felipe
Editora Idéias a Granel
Terça, 13 de novembro



O Vampiro narra as desventuras sexuais e amorosas de um vampiro contemporâneo que, contrariando o senso comum, acredita que é melhor estar mal acompanhado do que só.

“O Leo acabou de lançar um livro de contos que falam bastante da noite, de sexo, encontros e desencontros... essas coisas de vampiros urbanos. A edição é um pequeno luxo: formato de bolso com capa dura e fitinha de marcar página... que você não vai precisar porque vai ler em uma sentada.” (Adão Iturrusgarai)

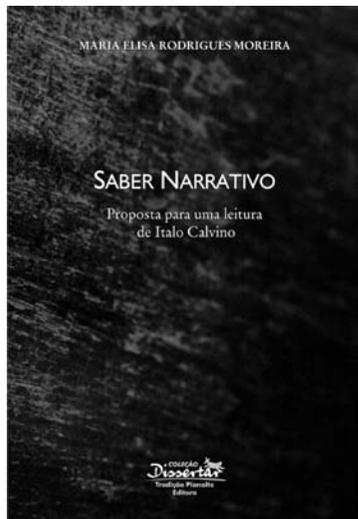
“Contos cheios de sexo, temperados com humor, um humor contagiante, daqueles de fazer rir de dar barrigadas.” (Luís Augusto Fisher)

“Os textos de O Vampiro abusam da linguagem coloquial e dão preferência a corações partidos e pisados por algum salto 15.” (Cristiane Lisbôa, Rolling Stone)

VIZINHA DO 45

“MANJO O TIPO. SOLTEIRA ENCALHADA. TRÊS GATOS (CASTRADOS) NO APARTAMENTO DE UM QUARTO. POLITICAMENTE CORRETISSIMA. NÃO CHEGA A SER FEIA. VISLUMBRAM-SE CARNES DURINHAS POR DENTRO DAS ROUPAS SEM GRAÇA, ÓCULOS DE ARO FINO (MARCA IMPORTADA). NÃO RETRIBUI O BOM DIA NO ELEVADOR. DEFENSORA FERRENHA DOS DIREITOS DOS ANIMAIS. VINGATIVA, PROVAVELMENTE.”





Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino

Autora: Maria Elisa Rodrigues Moreira
Tradição Planalto Editora
Sábado, 10 de novembro



Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino apresenta um percurso de leitura da obra de Italo Calvino sob a ótica da produção de conhecimento. A autora propõe alguns possíveis trajetos de leitura da obra do escritor italiano nos quais o eixo principal são as possibilidades de reflexão sobre a literatura que sua própria obra propicia. Dessa forma, questões caras aos estudos literários, como escrita e leitura, metaficção, intertextualidade, entre outras, são discutidas a partir da própria narrativa de Calvino, no sentido de estabelecer o saber narrativo como um dentre os vários saberes que compõem o conhecimento que tecemos sobre o mundo.

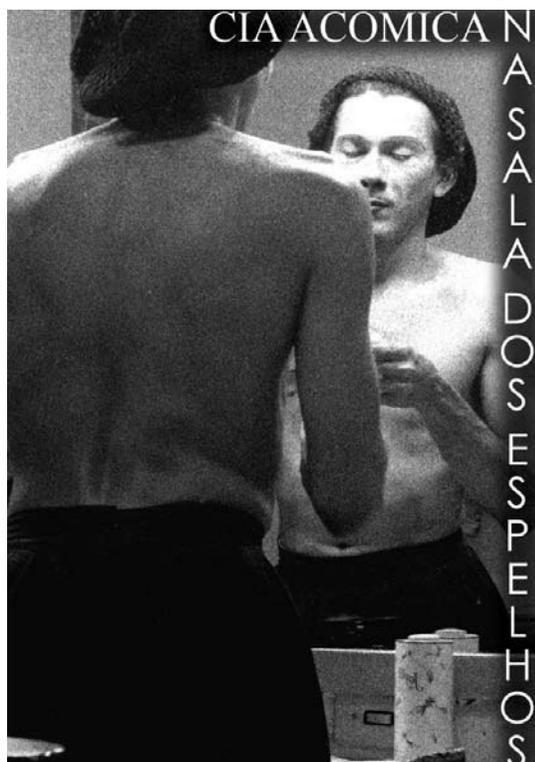
Num primeiro momento, Maria Elisa apresenta a obra de Italo Calvino – mais conhecido no Brasil por suas ficções de tom fantástico – procurando destacar sua diversidade e seu caráter enciclopédico para, a partir desse panorama geral, aprofundar-se em alguns aspectos da mesma. Utilizando o hipertexto como referência teórico-metodológica e como um operador de leitura, propõe então alguns percursos pela obra do autor, nos quais destaca a questão da escrita e da leitura. Nesse percurso, o eixo principal é o livro O castelo dos destinos cruzados, a partir do qual a autora estabelece links com outros textos de Calvino, criando uma rede de saberes literários passível de ser seguida na obra do escritor.

Desses nós temáticos identificados, a autora parte então para percursos transversais – relação entre mundos escrito e não escrito, a ficção como ensaio e a noção de biblioteca – nos quais identifica como características principais da obra de Calvino o hibridismo, o diálogo entre o diverso e um transitar entre as margens do literário, que constantemente desloca suas fronteiras e conforma uma idéia de conhecimento que se sabe impossível de totalização.

Saber narrativo contribui, assim, para trazer para o campo dos estudos literários reflexões sobre o saber narrativo e para tornar mais conhecida a rica e complexa obra do italiano Italo Calvino.

Cia Acômica na Sala dos Espelhos

Organizadores: Fernando Mencarelli e Sara Rojo
Autores: Ana Teixeira, Cláudio Márcio, Eid Ribeiro, Fábio Furtado, Luiz Lerro, Maria Tháís Santos, Néelson Bam Bam Jr., Rodrigo Campos e Sara Rojo
Realização: Cia Acômica
Patrocínio: Usiminas – Via Lei Estadual de Incentivo à Cultura
Seabado, 01 de dezembro



Completos 10 anos de atividades e pesquisa, a Cia Acômica lança “Cia Acômica na Sala dos Espelhos”, que reúne textos de membros, profissionais e pensadores contemporâneos que desenvolveram trabalhos juntos com a cia. A publicação escrita por sete profissionais aborda desde o percurso histórico de produção, criação e pesquisa da Acômica neste período, em texto de Luiz Lerro, aos processos de criação dos espetáculos “Lusco-Fusco ou Tudo Muito Romântico” e “Arena de Tolos”, em artigos de Eid Ribeiro

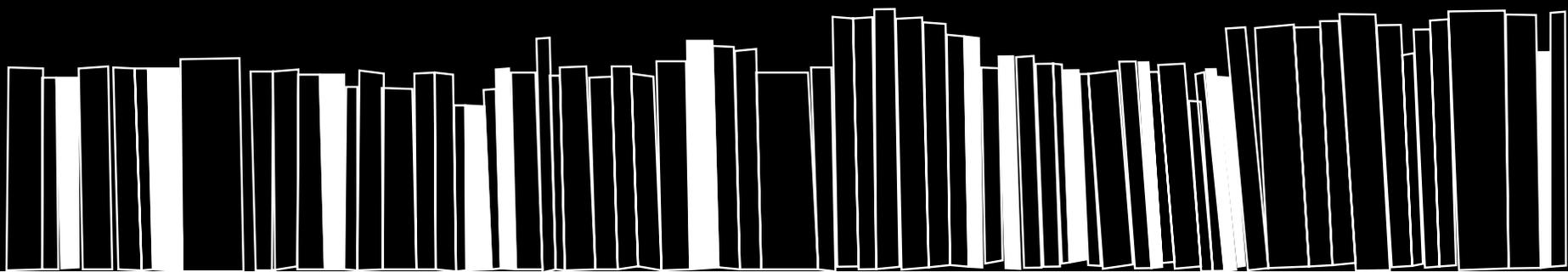
e Rodrigo Campos, respectivamente diretores dos espetáculos. Sara Rojo, pesquisadora e professora da UFMG, dialoga com o “Lusco-Fusco”, tanto como processo criativo, quanto como texto dramático. Fernando Mencarelli, em seu capítulo, situa a trajetória da Cia Acômica dentro da criação e pesquisa teatral em Minas

Gerais, ao longo dos anos 90.

Maria Tháís Lima Santos, pesquisadora e diretora do Grupo Balangan, e Ana Cláudia Teixeira, pesquisadora e fundadora do Amok Teatro, parceiras de formação técnica e pedagógica da cia, foram convidadas para contextualizar a produção e pesquisa teatral brasileira no período de surgimento da Acômica. O livro ainda apresenta a cronologia de trabalhos da Cia Acômica, o texto na íntegra de “Lusco-Fusco ou Tudo Muito Romântico” e as críticas sobre os espetáculos, publicadas nos principais veículos de comunicação do país.

A Companhia Acômica reuniu parceiros e colaboradores neste livro para comemorar dez anos de atividades teatrais. Radicalizando a escolha do trabalho com o ator criador e as novas experiências de uma dramaturgia produzida no calor das salas de ensaio, a Acômica, nesses anos, integrou-se, com muito trabalho e uma carreira sólida, ao movimento dos grupos teatrais de pesquisa em atividade no Brasil, realizando um projeto artístico em que estão presentes a força da renovação cênica contemporânea, a voz própria de seus integrantes e um olhar apaixonado pela arte teatral e sua potência transformadora.

Fernando Mencarelli



LANCE O SEU LIVRO NO CAFÉ COM LETRAS

Parceiros

Manuel Rolim

- Parceiro, onde que eu tô?
 - Você ta no céu, baixinho.
 - No céu? Sempre pensei que não viria pra cá.
 - Não ia vir mesmo. Mas uma coisa mudou a cabeça Dele.
 - Sério, peixe? A minha campanha pelos molequinhos com Down sensibilizou Ele?
 - Que nada. O Chefe babou foi no gol que você marcou contra o Corinthians. Deu um elástico maravilhoso no Amaral e, sem ângulo, encobriu o Dida. Divino. Mas me acompanha. Querem falar com você.
 - Já tô vendo, rolou treta por eu ter dito que Ele apontou o dedo e dito "este é o cara". Eu posso explicar tudo, parceiro.
 - Me segue, disse o anjo. (afinal, não é porque eles estão no

céu que usam ênclise)
 Depois de algumas nuvens de caminhada, o anjo parou perto de um velho, bastante calvo, mas ainda com alguns longos cabelos brancos.

- Sempre quis te conhecer.
 - Peixe, que honra. Também sempre quis te conhecer, Deus.
 - Romário, eu sou Vinicius de Moraes, o poeta.
 - Desculpa, parceiro.
 - Sem problema. Você foi da pesada. Dos que eu acompanhei daqui de cima, foi o melhor. Qual o segredo dentro da área?

- Ando onde há espaço - sem saber que citava o autor para ele próprio.
 - Baixinho, nós somos mais parecidos do que você imagina. Não são só as mulheres e os muitos casamentos que nos

unem. Também as palavras. Suas frases são geniais, parceirinho.

- Que honra receber um elogio desses de Vinicius de Moraes.
 - E fica tranqüilo, que eu também nunca fui exemplo pra ninguém. Só não entendo bem porque você não bebia, mas tudo bem. Você tirava sarro de outras formas. Só tem uma coisa que é imperdoável, baixinho.

- Vasco, Flamengo e Fluminense sim. Botafogo não. Francamente. A vida é a arte do encontro, mas você e o meu Botafogo foram só desencontro.

- Nunca tive chance de jogar lá.
 - Não disse que a culpa foi sua. Mas o Sr. Sabe lá o que é torcer pelo Botafogo? O sofrimento? O tormento? Romário, ainda ta

em tempo de consertar isso. O Mané ta organizando um jogo e todos concordaram em você ser o centroavante. Topa? E lá foi Romário vestir a camisa 11 alvinegra pela primeira e derradeira vez. Vinicius sentou-se na arquibancada acompanhado de seu melhor amigo: um copo de uísque. Romário desperdiça gols inacreditáveis. No final, pênalti para o Botafogo. O baixinho vai para a bola e... perde. Vinicius resmungou qualquer coisa e teve que ouvir da voz do Criador aquela sentença infernal.
 - Tem coisas que só acontecem ao Botafogo.

Manuel Rolim escreve no blog Domingo Pela Manhã e foi convidado pelo blog Caixa Preta para escrever esta coluna. Visitem: www.domingopelamanha.blogspot.com



Todos os meses, o blog Caixa Preta participa do Letras com essa coluna. Entre muitas coisas legais, você também pode conferir por lá alguns dos textos publicados no jornal.



Rua Antônio de Albuquerque,
 781 - Savassi - BH - MG
 Tel.: (31) 3225 9973

Programação de Novembro

■ **Abertura da exposição de Dário Velasco**
 Terça, 06.11, 20:00

■ **Feira de Arte Design**
 Sábado, 24.11, 16:00

■ **Lançamento do "Letras"**
 Sexta, 09.11, 20:00

■ **Lançamento do livro "Saber Narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino", de Maria Elisa Rodrigues, editora Tradição Planalto**
 Sábado, 10.11, 12:00

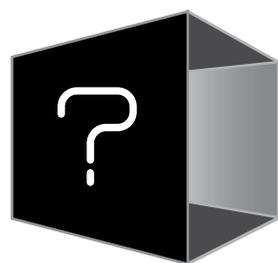
■ **Lançamento de "O Vampiro", de Leonardo Felipe, editora Idéias a Granel**
 Terça, 13.11, 20:00

■ **Lançamento de "Do amor mais abrigado do vento", de Vênus Brasileira Couy, Edições Magnólia**
 Segunda, 19.11, 20:00

■ **Jazz com Todas as Letras**
 • **Tributo à Guitarra, Affonso**
 Domingo, 04.11
 • **Maria Bragança**
 Domingo, 11.11
 • **Clóvis Aguiar**
 Domingo, 18.11
 • **Eugênio Aramuni Trio**
 Domingo, 25.11

■ **DJs no Café**
 • 01.11 DJ Bitt
 • 02.11 Discotecário Dr Pawlow
 • 03.11 DJ Leo Boi
 • 06.11 DJ Frank Furt
 • 08.11 DJ Crowbar
 • 09.11 DJ Pemba
 • 10.11 DJ Muchelas
 • 13.11 DJ Leonardo Felipe
 • 15.11 DJ Bio Pepper
 • 16.11 DJ Alex C
 • 17.11 DJ Muniz
 • 20.11 DJ Rebequinha
 • 22.11 Discotecário Chancellor
 • 23.11 DJ Leo Vidigal
 • 24.11 DJ Fausto
 • 27.11 DJ Yuga
 • 29.11 DJ Maurinho
 • 30.11 DJ Fred Pessoa

O Café com Letras passa por uma reforma para melhor atender seus clientes. Com isso, a Livraria reduziu temporariamente seu estoque de livros nas prateleiras. Entretanto, a fim de compensar o transtorno é decretado um super-desconto de 30% na compra de qualquer exemplar à vista até o fim da reforma!



caixa preta
www.caixapreta.blog.br

acesse

Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD
 Tel.: (31) 3281 6720

Aliança Francesa
 Tel.: (31) 3291 5187

Arquivo Público Mineiro (APM)
 Tel.: (31) 3269 1167

Art Vídeo
 Tel.: (31) 3221 4778

Biblioteca Públ. Est. Luiz de Bessa
 Tel.: (31) 3269 1166

Café com Letras
 Tel.: (31) 3225 9973

Café Tina
 Tel.: (31) 3261 5968

Casa do Baile
 Tel.: (31) 3277 7443

Cavallieri Oficina de Música
 Tel.: (31) 3221 7836

Celma Albuquerque Gal. de Arte
 Tel.: (31) 3227 6494

Central do Estudante
 Tel.: (31) 3282 1868

Centro de Cultura Belo Horizonte
 Tel.: (31) 3277 4607

Cultura Alemã
 Tel.: (31) 3223 5127

DiscoMania
 Tel.: (31) 3227 6696

EH! Vídeo
 Tel.: (31) 3426 4817

Espaço Vivo
 Tel.: (31) 3261 8171

Fundação Clóvis Salgado
 Tel.: (31) 3237 7399

Fundação Municipal de Cultura
 Tel.: (31) 3277 4620

Guitar Shop
 Tel.: (31) 3261 4595

Hard Core Body Piercing e Tatuagem
 Tel.: (31) 3282 4411/ 3264 5757

Museu de Arte da Pampulha
 Tel.: (31) 3277 7946

Museu Histórico Abílio Barreto
 Tel.: (31) 3277 8573

Museu Mineiro
 Tel.: (31) 3269 1168

Natural
 Tel.: (31) 3264 1392

Rádio Inconfidência
 Tel.: (31) 3203 0300

Rede Minas
 Tel.: (31) 3289 9000

Royal Savassi Apart Hotel
 Tel.: (31) 3247 6999

Teatro Francisco Nunes
 Tel.: (31) 3277 6325

Teatro Marília
 Tel.: (31) 3277 6319

Universidade Fumec
 Tel.: (31) 3228 3000

Usina
 Tel.: (31) 3261 3368

Vitrola Café
 Tel.: (31) 3227 2138